

O CONTEXTO ARQUIVÍSTICO DOS DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS E SUAS RELAÇÕES DE ORIGEM NAS DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO

Marcos Prado Rabelo¹

RESUMO: Esta pesquisa investigou a origem dos documentos cartográficos em diversas áreas do conhecimento, em especial sua produção no contexto da arquivologia, onde buscou-se informações dos marcos teóricos estudados, fundamentando-se em conceitos da arquivologia e de documentos arquivísticos cartográficos, realizando-se uma contextualização das diferentes espécies documentais do gênero cartográfico surgidas nas áreas da história, geografia, arquitetura e engenharia. O método de investigação qualitativo utilizado, proporcionou uma análise mais minuciosa dos documentos cartográficos e uma melhor identificação dos aspectos mais relevantes das espécies documentais deste gênero arquivístico, onde percebeu-se que não existe uma padrão normativo das espécies desse gênero em instituições arquivísticas públicas, necessitando portanto de uma discussão mais aprofundada sobre o assunto.

Palavras-chave: Arquivologia. Cartografia. Documentos Cartográficos.

THE ARCHIVAL CONTEXT OF THE CARTOGRAPHIC DOCUMENTS AND THEIR RELATIONS OF ORIGIN IN THE DIFFERENT AREAS OF KNOWLEDGE

ABSTRACT: This research investigated the origin of cartographic documents in several areas of knowledge, especially its production in the context of archival, where information was sought from the theoretical frameworks studied, based on archival concepts and archival cartographic documents, contextualization of the different documentary species of the cartographic genre that arose in the areas of history, geography, architecture and engineering. The qualitative research method used provided a more detailed analysis of the cartographic documents and a better identification of the most relevant aspects of the documentary species of this archival genre, where it was perceived that there is no normative standard of the species of this genus in public archival institutions, necessitating therefore a more in-depth discussion on the subject.

Keywords: Archival. Cartographic Documents. Cartography.

1 INTRODUÇÃO

O estudo dos documentos cartográficos nos leva, primeiramente, à necessidade de analisar as diferentes áreas do conhecimento que influenciaram a sua evolução, entre elas, a

¹ Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos/UNIRIO/2017. Gerente de Fomento à Produção Cultural da Secretaria Municipal de Cultural de Cariacica-ES e Professor Substituto Departamento de Arquivologia da UFES/2018. E-mail: argmarcosrabelo@gmail.com Currículo Vitae: <http://lattes.cnpq.br/3415283407243143>

história, a geografia, a arquitetura e a engenharia, e assim determinaram seus elementos básicos de representação, para em seguida nos aprofundarmos na importância desses documentos como representação gráfica da informação nos parâmetros da gestão arquivística.

Nessas circunstâncias, observa-se, sob o ponto de vista histórico, que desde a época da pré-história, a “cartografia” tem sua existência no contexto que remete para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos. Segundo Francischett (2004, p.4), “geralmente esses mapas eram usados em locais sagrados, utilizados em rituais e sem pretensão de serem preservados após os eventos”.

Por outro lado, no olhar da “geografia”, a cartografia utilizou-se de normas técnicas visando operacionalizar, através de cálculos, a execução de serviços e projetos para emprego de instrumentais que orientam as coordenadas e os deslocamentos na superfície de nosso planeta. Assim, devido às suas especificidades técnicas, é na geografia que encontramos o maior número de tipologias e espécies documentais para documentos cartográficos, principalmente dentro da classificação de cartas e mapas.

No caso dos documentos cartográficos relacionados às áreas de arquitetura e engenharia, verifica-se que as plantas são os tipos documentais mais comuns de ambas as áreas e estas referem-se a obras² planejadas e executadas no âmbito de uma determinada construção; porém, é possível determinar outras tipologias dessa natureza, tais como projetos e fotografias, que também fazem parte deste acervo técnico.

Já no foco da arquivologia, observa-se, de forma geral, que os documentos cartográficos acumulados por instituições públicas, em sua maioria através de recolhimento e doação, apresentam terminologia específica em suas nomenclaturas, além de problemas comuns de organicidade da informação, especialmente aqueles que não se utilizam de técnicas arquivísticas em sua ordenação. Já os documentos cartográficos, arquivisticamente organizados, após passarem por processo de descrição e digitalização, possibilitam acesso pleno por seus usuários, justamente por se encontrarem normalizados e salvaguardados em instrumentos de pesquisa informatizados de instituições arquivísticas públicas.

Deste modo, mediante a origem conceitual dos documentos cartográficos ter sua origem de diferentes áreas do conhecimento e apesar de sua significação terminológica abarcar características singulares que os identifiquem, formato e dimensão, arquivisticamente observa-se, na prática, que não existe ainda um consenso entre as instituições sobre a

² MANUAL DO ARQUITETO. Edificação em processo de construção. Disponível em:
<<http://www.manualdoarquiteto.com.br/2014/02/topico-33-planta-de-cobertura.html>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

classificação de alguns documentos do gênero cartográfico³, muitas vezes sendo classificados em outro gênero. Como exemplo, as “fotografias aéreas”, que algumas instituições, como o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro e a Biblioteca Nacional, a consideram como documento de gênero iconográfico, enquanto outras, tais como o Arquivo Nacional e o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, as mantêm organizadas dentro do gênero cartográfico.

Nessa perspectiva, observa-se uma certa indefinição na classificação a qual gênero as fotografias aéreas pertencem. Para o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística - Dibrate (2005, p.95), essa tipologia é conceituada como “fotografia obtida com a utilização de câmara aerotransportada, com eixo perpendicular ao solo, aplicada na elaboração de mapas”, o que teoricamente a manteria classificada no gênero cartográfico. No caso das normas espanholas de documentação cartográfica, que classificam as fotografias aéreas, as regras de catalogação do manual de descrição multinível daquele país foram revisadas durante as convenções para projetos de arquitetura, obras públicas e restauração e nelas verifica-se a classificação das fotografias aéreas no âmbito da descrição de documentos cartográficos, como segue:

Nesse sentido, é necessário fazer uma referência obrigatória às regras de catalogação, em que um capítulo é dedicado à descrição de materiais cartográficos. Dentro desta categoria estão incluídos mapas e planos em duas e três dimensões, cartas aeronáuticas, marinhas e celestes, balões, diagramas de blocos, cortes de terreno, fotografias aéreas, atlas, vistas panorâmicas, etc. (MDM CONVENCIONES: PROYECTOS DE ARQUITECTURA, OBRAS PÚBLICAS Y RESTAURACIÓN, 2011, p. 8). (Tradução nossa.)

Por outro lado, em um recente artigo publicado sobre o patrimônio fotográfico capixaba, de autoria dos professores Dr. André Malverdes e Dr. André Porto Ancona Lopez, afirma-se que, entre os documentos iconográficos, a fotografia constitui o maior volume nas instituições, sendo o mais utilizado nas mais diversas atividades. E, nesse aspecto, os autores englobam a fotografia aérea na categoria dos documentos iconográficos,

Como são incontáveis os elementos da realidade, são incontáveis os objetos da fotografia. Registram-se em fotos os monumentos arquitetônicos, a criança no batizado, as paisagens, a arte, a política, a moda, o esporte, a história, o eletrodoméstico no catálogo comercial. Realiza-se assim, uma ampla variedade de categorias de fotos, podendo-se citar, entre elas, a foto artística, a foto aérea, as fotos sensacionalistas da imprensa de escândalos, os

³ PAES (1997, p.29) classifica documentos cartográficos quanto ao gênero arquivístico, considerando-os em formatos e dimensões variáveis, contendo representações geográficas, arquitetônicas ou de engenharia.

retratos pessoais, as fotografias técnico-científicas, as fotos publicitárias (LOPEZ ; MALVERDES, 2016, p. 59).

Assim caracterizam-se as fotografias aéreas, definidas em gêneros diferentes e utilizadas sob diversas perspectivas de organização e acesso. Apesar das contraposições aqui apontadas, esta pesquisa não tem como pretensão criar um manual de padronização desses documentos mas sim abrir uma discussão que permita uma reflexão sobre as melhores práticas de identificação, gestão e acesso aos documentos cartográficos.

Partindo para a análise metodológica, esta pesquisa intitula-se como de natureza descritiva utilizando-se de método de investigação qualitativo através de estudo e análise das particularidades dos documentos cartográficos, trabalhando com a identificação dos aspectos mais relevantes das espécies documentais deste gênero arquivístico.

Como principal etapa do processo de investigação, realizou-se uma análise dos dispositivos normativos referente aos acervos cartográficos das instituições arquivísticas públicas, visando uma maior discussão e aprofundamento das referências cartográficas nas diversas áreas do conhecimento, em especial, na arquivologia.

Em suma, esta pesquisa aborda os aspectos inerentes aos documentos cartográficos, buscando aprofundar e entender suas características tipológicas e terminológicas, estabelecendo um aprofundamento sobre documentos cartográficos e sua relação arquivística com outras áreas do conhecimento, sendo colaborativa para aqueles que trabalham com documentos cartográficos em Instituições Públicas.

Igualmente, espera-se que este artigo deva ser contextualizado através de conhecimentos teóricos da cartografia que possam enriquecer arquivisticamente o cenário técnico-literário brasileiro, proporcionando, sempre que necessário, definições e redefinições do objeto aqui apresentado, pois, segundo Minayo (1992, p.89), o conhecimento é uma construção que se faz a partir de outros conhecimentos, sobre os quais se exercita a apreensão, a crítica e a dúvida.

2 CONCEITOS E ASPECTOS DA HISTÓRIA DOS DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS

De forma geral, mapas e plantas são os documentos mais comuns nos acervos cartográficos, sendo que os primeiros possuem uma relação mais familiar com as áreas de

história e geografia, assim como os últimos têm maior afinidade com as áreas de arquitetura e engenharia.

Sob a ótica da historiografia, observou-se durante muito tempo que a cartografia limitou-se às atividades de criação de mapas e, assim, cada nação desenvolveu os seus documentos cartográficos. Os mapas deixados por essas nações acabaram por estabelecer uma representação de suas tradições e de manifestarem as visões que eles tinham do mundo, pois neles identificaram-se igualmente os interesses em relação ao ambiente contíguo, ou em relação ao ambiente que se almejava dominar. Portanto, podemos afirmar que a cartografia também foi tratada como um instrumento de dominação cultural e de representatividade educacional, servindo ainda como referência para a construção e a preservação da memória da sociedade, onde seus conceitos e abordagens metodológicas podem se transformar de acordo com a direção imposta ao meio. Segundo Paulo Araújo Duarte (2002, p.15), a cartografia denomina-se como:

Conjunto de operações científicas, artísticas e técnicas produzidas a partir de resultados de observações diretas ou de explorações de documentação, tendo em vista a elaboração de cartas, plantas e outros tipos de apresentação e também a sua utilização.(DUARTE, 2002, p. 15).

É importante assinalar uma questão relevante. Não podemos pensar em mapas e plantas tendo como suportes apenas o papel e sim, devemos imaginá-los de formas e materiais diversos, pois a cartografia é reconhecida por suas diversas formas de representação do espaço, mesmo não atendendo a padrões como o uso de escalas regulares ou de uma simbologia mais convencional.

Nesta visão, alguns povos antigos expuseram desde cedo o desejo de representar o espaço através de mapas e, para isso, fizeram uso dos recursos de que dispunham, como a argila, o papiro ou as inscrições rupestres. Estes são exemplos bem claros da importância da representação dos espaços de vivência para a própria sobrevivência dos grupos humanos, especialmente das populações nômades, para as quais o desenho dos itinerários e dos pontos de interesse a eles associados era essencial.

Segundo consta na historiografia dos mapas, o artefato cartográfico mais antigo foi descoberto em 1963 por James Mellaart, em Ankara, na Turquia (Figuras 1 e 2), durante uma escavação realizada na localidade de Çatal Höyük. Em escala grande, os estudos do “mapa” apontam para sua origem há cerca de 6.200 a.C., sendo este considerado o mapa mais antigo identificado nos tempos atuais. Segundo a descrição, o mapa é, na verdade, a planta de uma cidade e representa um total de 80 edificações.

Figura 1 –O mapa de Çatal Höyük em seu local original.



Fonte: Disponível em:
<<http://www.esteio.com.br/newsletters/paginas/002/mercator.htm>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

Figura 2 – Representação gráfica do original.



Fonte: Disponível em: <http://www.esteio.com.br/newsletters/paginas/002/mercator.htm>>. Acesso em: 18 mai. 2018.

3 OS DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS NO CONTEXTO DA GEOGRAFIA

Em caráter geral, percebe-se que, a partir das atividades associadas aos serviços cartográficos ou de natureza cartográfica, a geografia buscou tratar a cartografia como um assunto técnico e assim estabeleceu normas a serem observadas pelas entidades produtoras e usuárias desses serviços. No entanto, a essência da cartografia está preservada, independentemente dos avanços tecnológicos, uma vez que o seu objetivo não sofreu alterações.

Segundo a geógrafa Archela (2001 p.42), os mapas são considerados a representação geográfica mais remota conhecida atualmente, pois sua confecção precede à escrita, visto que viajantes e exploradores, mesmo não sabendo ler, tinham a habilidade de traçar e interpretar suas linhas e desenhos. Assim, afirma a autora:

Variadas são as formas de ver a cartografia, seja tendo em vista a diferença entre as disciplinas (ciências humanas, ciências físicas e engenharias), seja no âmbito de um mesmo campo do conhecimento, como demonstra a trajetória do uso da cartografia pela geografia (ARCHELA, 2001, p.335).

A despeito de seu significado etimológico, a concepção inicial da cartografia tinha a ideia do traçado de mapas. Assim, no primeiro estágio de evolução, o vocábulo passou a significar a arte do traçado de mapas, para em seguida conter a ciência, a técnica e a arte de representar a superfície terrestre. Nesse sentido, a história da cartografia confunde-se com a origem da geografia e essa interação entre as duas ciências ocorre em função da proximidade do objeto de estudo de ambas. Enquanto a geografia tem como objeto o espaço geográfico, a cartografia visa mapear esse espaço, ou seja, transferir para um mapa as representações que se encontram no espaço.

Aprofundando-se no assunto, em 1999 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE lançou Manual Técnico de Noções Básicas de Cartografia, no qual buscava-se padronizar os termos cartográficos representativos da área de geografia, além de conter diversos conceitos importantes nesta área, principalmente sobre a classificação de cartas e mapas. Conforme documento, o conceito da cartografia descrito foi estabelecido em 1966 pela Associação Cartográfica Internacional (ACI) e, posteriormente, ratificado pela UNESCO⁴ no mesmo ano, considerando-se que,

A cartografia apresenta-se como o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base os resultados de observações diretas ou da análise da documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como a sua utilização (IBGE, Manual Técnico em Geociências, nº 8, Noções Básicas de Cartografia, 1999 p.12).

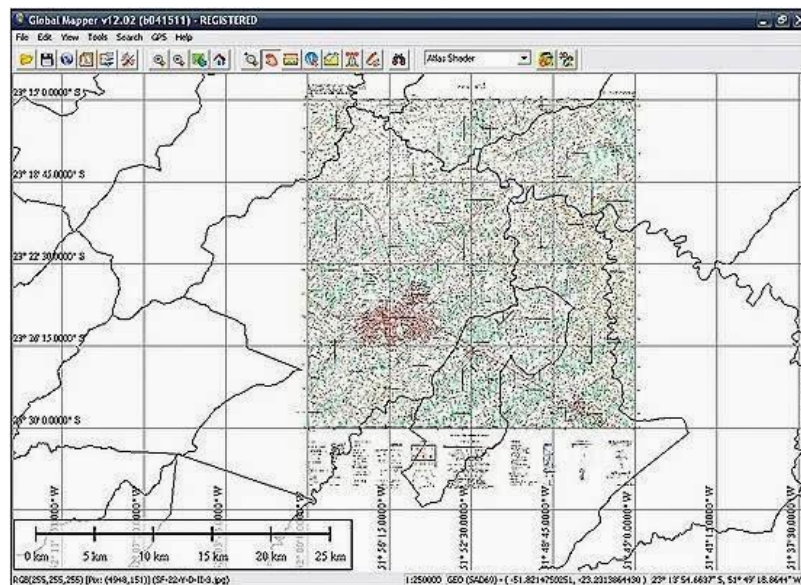
Portanto, no campo geográfico, anterior as normalizações técnicas impostas a este, observa-se que o conceito da cartografia teve suas origens intimamente ligadas às inquietações que sempre se manifestaram no ser humano, no tocante a conhecer o mundo que ele habita. E a partir da instituição das normas técnicas, considera-se o processo cartográfico

⁴ UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

partindo da coleta de dados que envolve estudos, análises, composições e representação de observações, de fatos, fenômenos e dados pertinentes a diversos campos científicos associados à superfície terrestre.

Desta forma, dentro de uma vasta gama de tipos documentais, a representação do espaço geográfico pode se dar através de cartas, plantas, croquis, mapas, globos, fotografias, imagens de satélites, carta imagem⁵, gráficos, perfis topográficos, maquetes, textos e outros meios que utilizam a linguagem cartográfica. A função dessa linguagem é a comunicação de informações sobre o espaço, daí a necessidade de haver uma situação comunicativa (exposição e divulgação dos trabalhos) para que a atividade seja significativa e ocorra aprendizagem e avaliação do processo, além de contribuir para que mais pessoas tenham acesso ao conhecimento. A seguir, (figura 3), segue uma representação gráfica de um documento geográfico no formato de carta imagem,

Figura 3 – Carta Imagem.



Fonte: disponível em:

<<http://www.globalmapper.htm>>. Acesso em: 18 maio 2018.

⁵ Carta Imagem: Imagem referenciada a partir de pontos identificáveis e com coordenadas conhecidas, superposta por reticulado da projeção, podendo conter simbologia e toponímia.

4 OS DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS NO CONTEXTO DA ARQUITETURA E ENGENHARIA

A cartografia na esfera da arquitetura e da engenharia encontra-se presente no meio social sob a forma de testemunhos gráficos, também provinda de épocas remota:

[...] A tipologia era muito variada, estando já então definidas as principais categorias que integram os arquivos de época mais recente: cartas régias, tratados internacionais, actas, missivas, contratos, assentos contabilísticos, censos, etc. Nem mesmo estão ausentes os documentos cartográficos, como por exemplo, a placa legendada em caracteres cuneiformes, do século XIII a.C., com a representação de Ninive ou o papiro egípcio com a planta topográfica das minas de ouro Gebel (SILVA; RIBEIRO, 1999, p. 46).

Sob o ponto de vista histórico dessas áreas, podemos também dizer que a cartografia é a arte de representar, por meio de desenho, parte ou totalidade da superfície terrestre e essa representação é elaborada com um sistema de projeção reduzida a uma dada escala.

Nesse sentido, o homem esforçava-se para registrar essas informações em suportes disponíveis no momento de sua produção, como por exemplo, em placas de argila e pedras rochosas e, mais recentemente, realizar o registro das representações sobre características físicas de terrenos por ele ocupados, a fim de orientar-se, conhecer, ou até mesmo dominar determinado território, nascendo assim os primeiros croquis. De tal modo, surgem as noções das primeiras cidades.

Com o passar do tempo, através do traço linear, o homem começa a expressar aspectos que deveriam ter uma construção, uma cidade ou uma rua, de forma a guiar-se na execução desse projeto, originando as primeiras plantas de arquitetura e engenharia (CARRASCAL SIMON; GIL TORT, 2008, p.15).

De tal modo, tanto para os arquivos de arquitetura quanto para os arquivos de engenharia, inclui-se o fato de que as características de suporte físico (diversidade, fragilidade e formato em grandes dimensões), conteúdo informacional (representações gráficas, terminologia e linguagem específica), acessibilidade, diferentes modelos de tratamento e incorporação de novos elementos ao projeto, além de inovações e tecnologias desenvolvidas ao longo dos séculos XIX e XX, acarreta ainda uma maior dificuldade à procura de soluções na organização desses documentos.

Desta forma, os projetos de arquitetura e engenharia, formam uma variedade de registros documentais referentes à sua natureza. A produção desses projetos, acumula uma diversidade de documentos durante o processo, a partir da realização de rotinas, funções e atividades relacionadas a uma edificação, por exemplo, que são desempenhadas por diversos profissionais, entre eles arquitetos e engenheiros, onde participam da elaboração e execução desses projetos que serão considerados como pontos centrais da produção documental.

Conforme o Dicionário Ilustrado de Arquitetura (ALBERNAZ; LIMA, 2000 apud VIANA, 2011, p. 27), o projeto arquitetônico é formado por desenhos e textos que compõem a representação gráfica da obra e também de sua maquete. Para a elaboração do projeto, existem três etapas: o estudo preliminar, o anteprojeto e o projeto de execução. A partir dessas etapas, são produzidos documentos carregados de significados, pela memória ou pela imaginação, alusivos ao processo de criação do edifício.

Conclui-se então, que os documentos produzidos na área de arquitetura não estão exclusivamente relacionados com a construção do edifício, mas também adjuntos aos demais documentos, tais como desenhos, textos, fotos etc., que estabelecem a sua base documental. Recentemente, percebeu-se que, junto com a fotografia, o desenho arquitetônico feito à mão é considerado de suma importância para composição do fundo de arquitetura. De acordo com Ching (2008, p. 163), o desenho arquitetônico é um “instrumental gráfico, incluindo os processos e técnicas do arquiteto para representar um objeto, ambiente ou ideia através de linhas sobre uma superfície”.

Do mesmo modo, apesar da abundância de documentos produzidos com várias siglas, notações e números recebidos no momento da sua elaboração, ou durante o processo de produção, segundo Montenegro (1997, p. 84), os documentos de representação gráfica seguem uma determinada ordem natural de produção. Essa sequência é demonstrada no quadro abaixo:

Tabela 1 – Sequência de ordem natural de produção dos documentos de representação gráfica de um projeto arquitetônico.

| Ordem: | Documentos: | Descrição: |
|--------|----------------------|--|
| 1º | Planta de Edificação | Peça desenhada integrante do projeto de construção de um edifício, que compreende a vista superior do plano secante horizontal. A altura considerada do plano é variável, de forma a poder ser possível a representação de todos os elementos considerados relevantes. |
| 2º | Corte | Peça desenhada que representa a secção de um plano vertical na representação de um edifício, mostrando pormenores do seu interior, nomeadamente as cotas. As |

| | | |
|----|----------------------------------|--|
| | | plantas também são cortes efetuados por um plano horizontal. |
| 3º | Fachadas | Desenho das faces exteriores de um edifício. Parede exterior de um edifício. |
| 4º | Planta de Locação | Também conhecida como Planta de Implantação. Peça desenhada integrante de um projeto que inclui a representação em planta de todos os elementos arquitetônicos, bem como outros elementos existentes no lote a edificar, como muros, vedações, passeios, entre outros. |
| 5º | Planta de Cobertura ⁶ | Representação da projeção superior da edificação, levando em conta o telhado, os sistemas de recolhimento e escoamento das águas pluviais, beiral, cumeeira, rincão, espigão, chaminés, reservatórios e o que aparecer na cobertura. Esta representação deve estar acompanhada do desenho do terreno, geralmente da mesma forma que a planta de localização. |
| 6º | Planta de Situação | Peça desenhada integrante de um projeto que permite a identificação em planta da localização de uma edificação, representando os edifícios e vias existentes, entre outros. |

Fonte: Dicionário de Engenharia Civil. Disponível em:

<<https://www.engenhariacivil.com/dicionario/planta-de-edificacao>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

É importante sublinhar que essas tipologias documentais, apresentadas no quadro 1, são desenhos manuais, pois em plena era da tecnologia,

Já existem equipamentos sofisticados que auxiliam o arquiteto a desenhar levantamentos completos, planos urbanísticos e projetos de arquitetura, apresentando os cortes, as fachadas, as perspectivas externas e de interiores na posição que for escolhida pelo cliente ou arquiteto, podendo até visualizar o objeto arquitetônico em movimento (MONTENEGRO, 1997, p.1).

Não obstante, a preservação das plantas, junto com a documentação que compõe o projeto arquitetônico, permite avaliar todo o conjunto histórico de representação gráfica no processo de construção. Uma outra questão proeminente diz respeito à documentação, que pode se tornar a única referência de obras demolidas, ou mesmo daquelas que não saíram do papel, assim como a necessidade de informações para possíveis intervenções visando a conservação, reforma ou restauração do patrimônio construído.

No entanto, não são raras as ocasiões em que o acervo encontra-se disperso ou deteriorado. A tarefa que se apresenta atualmente aos arquitetos, engenheiros, arquivistas, conservadores e historiadores, entre outros que trabalham na área da preservação do

⁶ **Fonte:** Manual do Arquiteto. Disponível em: <<http://www.manualdoarquiteto.com.br/2014/02/topico-33-planta-de-cobertura.html>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

patrimônio cultural, é a de se apropriar, disseminar, disponibilizar, divulgar e preservar as informações que por algum motivo foram consideradas sem valor.

5 OS DOCUMENTOS CARTOGRÁFICOS NO CONTEXTO DA ARQUIVOLOGIA

O documento cartográfico produzido no exercício de suas funções e atividades, dotado de organicidade e com elementos característicos suficientes para servir de prova dessas atividades, também é considerado um documento arquivístico.

Segundo consta no Glossário norte-americano de Terminologia Arquivística (2005, p.61), documentos cartográficos “são materiais que usam imagens, números ou relevo para representar características físicas ou culturais da terra ou corpo celeste (ou parte dele), tais como mapas, plantas, atlas, gráficos, globos, perfis etc” . Já o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p.74) conceitua documento cartográfico como “ um gênero documental integrado por documentos que contêm representações gráficas da superfície terrestre, ou de corpos celestes e desenhos técnicos, como mapas, plantas, perfis e fotografias aéreas.” Nessa concepção, entende-se gênero documental como:

Reunião de espécies documentais que se assemelham por seus caracteres essenciais, particularmente o suporte e o formato, e que exigem processamento técnico específico e, por vezes, mediação técnica para acesso (1), como documentos audiovisuais, documentos bibliográficos, documentos cartográficos, documentos eletrônicos, documentos filmográficos, documentos iconográficos, documentos micrográficos, documentos textuais. (ARQUIVO NACIONAL, 2006, p. 15).

Ou seja, em alguns casos observa-se que gênero documental tem a ver com a forma de representação (cartográfico difere, por exemplo, do filmográfico, pela forma como a informação foi representada); ou o suporte (como a diferenciação entre documentos bibliográficos e textuais, uma vez que ambos são escritos, porém os primeiros têm características de coleções). Assim, é interessante notar que uma dada informação pode apresentar-se concomitantemente em dois ou mais gêneros. Um filme com extensão .avi é filmográfico, pela forma de representação da informação, e também digital, por conta do suporte e "codificação estrutural", (código binário).

Entre os principais tipos de documentos cartográficos, encontram-se os mapas e as plantas. Conforme o mesmo dicionário norte americano, os mapas incorporam um grau de análise ou abstração. Por exemplo, uma fotografia de uma massa de terra não é, em si, um

mapa, mas a inclusão de informações que identificam as características da fotografia podem torná-la um mapa.

Conceituando mapas e plantas por meio do Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 114), verifica-se que,

os mapas são considerados documentos que descrevem, de forma gráfica ou fotogramétrica, geralmente em escala e em meio plano, características físicas e abstratas selecionadas da superfície terrestre ou de um corpo celeste. Já as plantas, segundo o mesmo léxico, aparecem designadas como documentos em forma gráfica ou fotogramétrica, representando, em seção horizontal, a organização de uma estrutura ou fração do solo, também chamado plano.

Assim, dentro desse contexto, observa-se que os mapas e as plantas possuem determinadas semelhanças, principalmente no formato de suas dimensões não convencionais e no uso de simbologia caracterizadas por normativas regulamentadas.

Comumente, o procedimento técnico que envolve a cartografia dos mapas tem como produtos característicos muitos documentos comuns no campo do conhecimento, ao passo que a planta é, em regra associada ao processo técnico de concepção arquitetônica e urbanística, bem como aos cálculos de engenharia. Assim, é importante perceber que ela é um produto de atividades de diversos profissionais, como algo resultante de um conhecimento específico, e visa ilustrar a concepção e a construção de uma obra, quer esta seja fixa ou móvel, e não se refere a cartas geográficas, como ocorre com um mapa (FILLION, 1998, p. 229).

Em uma análise mais pontual, apesar de a cartografia ter sua influência em outras áreas do conhecimento, é fato que, para a Arquivologia, a sua origem deverá ser apenas um detalhe histórico, ou mesmo técnico, pois o mais importante é o entendimento das atividades e funções arquivísticas, para as quais o documento foi criado/produzido. Desta forma, constata-se ainda que, além das demandas técnicas e institucionais aqui apresentadas, abre-se também um espaço para dar ênfase à sua trajetória cultural, no desenvolvimento dos acervos cartográficos, que de alguma forma teve sua parcela de acréscimo na evolução deste gênero arquivístico ao longo da história, pois, como afirma Bellotto (1991, p. 228),

A ideia de pensar o arquivo como um espaço de difusão cultural permite duas vias de ação, que seriam o lançamento de elementos de dentro do arquivo para fora”, buscando atingir um maior “campo de abrangência, e o retorno dessa mesma política, acenando com atrativos no recinto do arquivo (BELLOTTO, 1991, p.228).

De forma geral, a definição de documento cartográfico na literatura caminha no sentido do agrupamento de documentos, formado por coleção de mapas, plantas e desenhos acompanhados de documentos textuais. No entanto, é preciso entender que, arquivisticamente, documento cartográfico também tem função orgânica e por isso deve sempre estar interligado com as espécies documentais que fazem parte do seu processo de criação. A organização dessa documentação, não respeitando essa ordem, pode trazer uma descontextualização, que culminará em perda de informação.

Portanto, o profissional arquivista deve ter habilidade para diferenciar arquivos de coleções, pois o arquivo não é criado arbitrariamente, à maneira das coleções de manuscritos. O arquivo é, ao contrário, um todo orgânico, um organismo vivo que cresce, se transforma e pode ser eliminado ou não, dependendo do seu valor como documento. Nesse sentido, de forma fundamental, somente uma organização arquivística mantém as peças documentais classificadas e avaliadas como um todo, pois os profissionais envolvidos no processo, assim como os usuários, poderão acessar informações com maior confiabilidade.

Contudo, observa-se que o que diferencia o documento arquivístico de outros documentos existentes é justamente o motivo de sua criação e a relação orgânica entre eles. Enquanto um livro, por exemplo, forma uma coleção determinada conscientemente por um indivíduo, o documento de arquivo tem um vínculo com o processo que o gerou. Deste modo, num entendimento de produto de uma atividade ou função, os arquivos cartográficos podem servir de fonte para o estudo das ações dos indivíduos e instituições em determinado momento.

Nesse contexto, a interpretação das informações contidas nos arquivos cartográficos são reveladoras de uma atividade específica e fundamental das sociedades, que é a ocupação de diferentes modos do espaço físico e que criam espaços históricos. O próprio modo de representar esses documentos já é expressivo de um pensamento, de uma consciência estética, enfim, uma linguagem própria, que cria uma realidade específica e se manifesta também de modo único.

Portanto, o profissional arquivista só poderá decifrar as informações dos documentos cartográficos com um estudo aprofundado de gênese documental e das atividades e funções realizadas pela área à qual ele pertence. Assim, a aplicação de princípios arquivísticos nesses arquivos deve ser feita com prudência. Por exemplo, as características físicas dos documentos cartográficos fazem com que ocorra o afastamento na ordem original que pode, no entanto, ser reestabelecida com o uso dos instrumentos de pesquisa.

Embora a maior parte dos arquivistas já tenha se deparado com documentos cartográficos, boa parte não tem o conhecimento da forma como se dá a produção desses documentos, nem sua classificação, principalmente dentro dos manuais técnicos da geografia e da arquitetura, assim como da engenharia. No caso dos projetos arquitetônicos, existe uma maior complexidade na análise a ser realizada, visto que seguem um roteiro em ordem pré-estabelecida, dando origem a diversos outros documentos de menor importância no contexto da planta arquitetônica, porém orgânicos no contexto arquivístico.

Em uma pesquisa realizada em três instituições arquivísticas públicas, conforme quadro 2 a seguir, observou-se uma diversidade de espécies documentais do gênero cartográfico, muitas delas pouco conhecidas no próprio meio arquivístico. Em um universo de 27 documentos, apenas 15% das espécies documentais são comuns às três instituições arquivísticas públicas, ou seja, 4 documentos. São eles, “croquis”, “mapas”, “perfis” e “plantas”. Documentos em comum a duas instituições, perfazem um total de 11 itens e documentos que constam apenas em uma das instituições, são 12.

Tabela 2 – Espécies documentais do gênero cartográfico.

| Quantidade: | Espécies Documentais: | AN | APESP | AGCRJ |
|-------------|-----------------------|----|-------|-------|
| 1 | Álbuns | | X | |
| 2 | Atlas | | X | X |
| 3 | Cadernetas de Campo | | X | |
| 4 | Carta Aeronáutica | X | | X |
| 5 | Cartas | | X | X |
| 6 | Cartogramas | X | | X |
| 7 | Croquis | X | X | X |
| 8 | Desenho Técnico | X | | X |
| 9 | Diagramas | X | | X |
| 10 | Esboços | X | | |
| 11 | Esquemas | X | | |
| 12 | Fotografias | X | | X |
| 13 | Fotografias Aéreas | X | | X |
| 14 | Foto índices | X | | X |
| 15 | Gráficos | X | X | |
| 16 | Imagens | | | X |
| 17 | Imagens de Satélite | X | | |
| 18 | Mapa / Planta | | | X |
| 19 | Mapas | X | X | X |

| | | | | |
|----|-------------------|---|---|---|
| 20 | Mosaicos Aéreos | X | | X |
| 21 | Organograma | X | | |
| 22 | Perfis | X | X | X |
| 23 | Plantas | X | X | X |
| 24 | Projetos | X | | |
| 25 | Sem Especificação | X | | |
| 26 | Sondagem | X | | |
| 27 | Tabela | X | | |

Fonte: direta do autor, 2018.

Nessa perspectiva, é importante perceber que a variedade de espécies documentais do gênero cartográfico, ainda é pouco conhecida pela maioria dos profissionais arquivistas e que seria necessário um estudo mais aprofundado sobre o assunto, para que a partir de um levantamento mais minucioso em instituições brasileiras que mantem sob sua guarda documentos cartográficos, haja primeiro um reconhecimento de que cada espécie documental realmente pertença ao gênero cartográfico, e a partir desse levantamento, seja realizada uma padronização destes tipos documentais no meio arquivístico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar-se uma exploração das origens dos documentos cartográficos em diferentes áreas do conhecimento, foi possível verificar diversas espécies documentais dentro de um panorama mais completo para este gênero arquivístico. Na definição histórica, por exemplo, compreendeu-se que o desenvolvimento da humanidade teve uma relação estreita com a cartografia, pois as suas representações espaciais ao longo do tempo deram origem ao surgimento da atual configuração dos territórios, visto que, tanto a historiografia tradicional, quanto as abordagens mais atualizadas, mostram o emprego dessas representações, de forma especial os mapas, em diferentes épocas e lugares do mundo.

Já na perspectiva geográfica, assim evoluiu a cartografia: ora através de procedimentos técnicos específicos utilizados para os documentos cartográficos, ora através de instruções reguladoras de normas técnicas cartográficas, formando vocábulos peculiares com significado técnico da arte de representar a superfície terrestre para o traçado de mapas e plantas.

De outra forma, percebe-se com evidência a importância dos arquivos cartográficos nas áreas de arquitetura e engenharia, com suas diversas particularidades de informações e de suporte documental. Se, por um lado, estes arquivos precisam de condições peculiares de

armazenamento e conservação, devido às grandes dimensões ou formas tridimensionais que possuem, por outro lado, fazem jus a interpretações especiais, pois elas são reveladoras de uma atividade específica e fundamental em nosso meio social, que é a ocupação de diferentes modos do espaço físico, numa construção de ordenamento técnico. Observa-se assim, que o não respeito a essa ordem, pode trazer uma descontextualização que culminará em perda de informação, pois nem sempre as plantas arquitetônicas possuem identificação que indique essas etapas, por isso a parceria do arquivista com o profissional da arquitetura é de suma importância, para aprender a ler e interpretar esses documentos. Portanto, após término de um determinado projeto arquitetônico ou de engenharia, podemos afirmar que os documentos que os constitui não são apenas uma coleção propriamente dita em um sentido genérico e sim integrantes de uma unidade arquivística e orgânica.

Finalmente, é preciso enfatizar sempre que o profissional arquivista deve estar atento a todas essas demandas, pois só poderá interpretar essas informações através de estudos aprofundados da gênese documental e das atividades e funções realizadas por essas áreas, trabalhando em parceria com historiadores, geógrafos, arquitetos e engenheiros, entre outros profissionais, para que tenha pleno conhecimento da estrutura semântica dos documentos que são parte integrante dos projetos.

Conclui-se então, que a cartografia é, ao mesmo tempo, arte e ciência. Ela mostra suas bases culturais, científicas e sua importância econômica, ficando claro que a comunicação é um dos grandes objetivos da cartografia, além da análise espacial cartográfica e a sua produção científica em relação ao campo específico da área de arquivo. Assim, a arquivologia deve cada vez mais se aprofundar nos estudos dos documentos cartográficos, que ainda carecem de maiores reflexões teóricas deste gênero documental.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. 2. ed. São Paulo: ProEditores, 2000. 670 p. il.

ARCHELA, Rosely Sampaio. **Bibliografia Analítica das Pesquisas em Cartografia e a Cartografia Escolar no Brasil**. Londrina-PR, 2001.

_____. **Cartografia contemporânea e novas tecnologias**. Londrina: Ed UEL, 2001.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p. (Publicações Técnicas, 41).

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CARRASCAL SIMON, Andreu; GIL TORT, Rosa Maria. **Los documentos de arquitectura y cartografía: qué son y cómo se tratan**. Gijón: Ediciones Trea, 2008. 147 p.

CHING, F. D. K. **Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

DUARTE, Paulo Araújo. **Cartografia básica**. Florianópolis: UFSC, 2002. 15 p.

FILLION, Chantale. **Os tipos e os suportes de arquivo**. In: ROSSEAU, Jean-Yves, 1998.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A cartografia no ensino-aprendizagem da geografia**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/francischett-mafalda-representacoes-cartograficas.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2018.

IBGE. **Noções Básicas de Cartografia, Manuais Técnicos em Geociências**. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_noções/indice.htm>. Acesso em: 13 maio 2018.

LOPEZ, A. P. A. ; MALVERDES, A. Patrimônio fotográfico e os espaços de memória no espírito santo. **PontodeAcesso** (UFBA) , v. 10, p. 59, 2016.

MDM (Convenciones). **Proyectos de Arquitectura, Obras Públicas y Restauración**. Junta de Castilla y León Consejería de Cultura y Turismo. España: 2011. 8 p.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo - Rio de Janeiro: Hucitec/ Abrasco - ed. 1992. 89 p.

MONTENEGRO, Gildo. **Desenho Arquitetônico**. 3. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1997.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 1997. 29 p.

PEARCE-MOSES, Richard. **A glossary of archival and records terminology**. Chicago: Society of American Archivists, 2005.

RIBEIRO, Cândida Fernanda Antunes. Os instrumentos de acesso à informação. In: _____ **O acesso à informação nos arquivos**. 1998. Tese (Doutorado em Arquivística). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 1998.

OLIVEIRA, Cêurio de. **Curso de cartografia moderna**. Rio de Janeiro: IBGE, 1988.